

PIRA-PAZ-NÃO-QUERO-MAIS OU A DIFÍCIL ARTE DA MARTELADA*

Gil Vieira Costa

Qual o lugar das ideias que não se acomodam? A produção artística de Lúcia Gomes ocupa territórios diversos. É marginal. À margem das convenções da arte, mas também à margem da apatia que acomete a cultura. Sua militância iconoclasta não permite qualquer política de boa vizinhança, somente **marteladas**.

Não se trata, diga-se de passagem, de marteladas unicamente destrutivas. Seus alvos em geral possuem nome e sobrenome, e nem sempre seus golpes objetivam derrubar, mas também **esculpir** consciências e ideias. Em um país no qual os **poderes** e as **justiças** escrevem o monólogo exaustivamente reproduzido, é bastante incômodo o ruído de sua arte. Sua voz mórbida canta e ainda espanta o mau agouro, nessa terra onde o silêncio literalmente é de ouro...

Oi, tudo bem?

Tudo bem... fora o tédio que me consome todas as vinte e quatro horas do dia, fora a decepção de ontem, a decepção de hoje e a desesperança crônica no amanhã. Fora a adolescente que ficou presa em uma cela com mais de vinte homens, pelos quais foi diariamente estuprada. Fora a incompreensível absolvição do ex-deputado Luiz Sefer, depois do mesmo ter encomendado a vinda de uma criança para sua casa e (supostamente) abusado sexualmente da mesma durante anos. Fora a decisão do Supremo Tribunal Federal de empossar o político Ficha Suja Jader Barbalho.

A arte de Lúcia Gomes dói como um soco na boca do estômago. Sua lucidez farpada atinge meu marasmo existencial sem meias palavras. Que não se engane o espectador desatento: não há ingenuidade, talvez malícia, mas, seguramente, **resistência**. Que, aliás, é o título da ação realizada neste 18 de maio, dia nacional de combate ao abuso e à exploração sexual contra crianças.

A poética da guerra. De travesseiros, obviamente. De um sono interrompido pelo estampido dos estouros. Dos balões que se rompem deixando uma fronha esmirrada, vazia. Deve haver beleza nisso aí, mas não, obrigado, não estou interessado. A pira-paz contemplativa eu não aceito, eu quero é a guerra. De travesseiros. Ou de ideias. Não sei se faz sentido falar de arte uma hora dessas, portanto quero falar mesmo é de travesseiros, de balões rompidos, de fronhas magrelas, de crianças tocadas. O pai é o agressor mais comum, seguido do padrasto, do tio, de algum primo. Os vizinhos e desconhecidos são a minoria. O perigo está dentro de casa, o silêncio mora ao lado, e/ou: dormindo com o inimigo. Tenha um bom sono. Quero é martelar travesseiradas na consciência alheia.

Quero é amolecer os corpos. Quero é o estranhamento do brincar, tanto de quem vê quanto de quem faz. Quero é contrapor ao corpo adestrado (pela etiqueta e normas de bom comportamento) o corpo **atentado** do moleque que já não somos. O moleque atentado que busca do próprio corpo o prazer, a liberdade, a resistência. Quero é demolir

meus pudores, minhas vergonhas. Afinal, melhor empunhar o travesseiro que a arma, melhor martelar ideias que mãos de cristos. Quero é resistir.

Mas quero meu corpo pra divertir, não pra violentar. Pra provocar o riso, jamais o trauma. Pra martelar as ideias e incomodar as consciências, como quem derruba a anacrônica e ensebada muralha que divide o mundo...

Pra não dizer que não falei das flores:

“Resistência”, a ação de Lúcia Gomes, não é somente um ato contrário à violência sexual perpetuada em nossa sociedade, mas igualmente um ato de resistência contra algumas noções cristalizadas a respeito da arte. Sim, a arte, aquela tão pretendida e inacessível princesa, encastelada atrás de inúmeros dragões.

Ancorada em uma tradição conceitual, que se inicia nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil e no mundo, a arte de Lúcia Gomes não busca a beleza das formas, mas a pertinência das ideias. De cara já chega invertendo todos os pressupostos: Lúcia Gomes instiga a ação do outro lado do oceano, na Suíça, país em que reside há alguns anos. Daqui, respondem às provocações tantos outros inquietos. Nada de dominar pincéis e tintas – o colorido das franhas e balões se faz com o movimento dos corpos, e a ação jamais pode ser capturada por um flash momentâneo. Também o rigor e reverência dos templos da Arte aqui não se enquadram: qualquer lugar é lugar, e tanto melhor quanto mais diverso for em relação aos museus e territórios artísticos. O que vale é a incitação, a desordem conceitual. A utopia: qualquer lugar, qualquer coisa, qualquer pessoa... arte.

Recusar o espaço delimitado e frio e se apropriar dos espaços cotidianos, flexíveis, polifônicos. Onde as muitas vozes são proferidas, silenciadas, extravasadas, admitidas, contrapostas, negadas. Basta à ação e à arte que sejam um ato de resistência. Portanto, que não se calem.

Que sejam como a frieza do prego incomodando a língua que se delicia com o doce. Que sejam como o estouro das balas/balões nas guerras que travamos desde sempre. Que sejam como portas, diante das quais aquele que vê jamais permanece o mesmo. Portas – tanto obstáculos quanto passagens. Tanto limite quanto saída. Que a arte soe como atrevimento.

Quanto às ideias arcaicas, quanto às violências da opressão, quanto às perversões do espírito, quanto às ganâncias humanas, quanto aos vícios enrijecidos dos egos inflexíveis, só resta ao martelo de s p e d a ç a r

Gil Vieira Costa é professor e pesquisador de artes.
gilvieiracosta@hotmail.com

* Texto originalmente fotocopiado e distribuído no dia 18 de maio de 2012, no hall da ESMAC (Escola Superior Madre Celeste), durante a realizAÇÃO de "Resistência" por alunos e professores da instituição.